

Cultura, Resistência e Diferenciação Social

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2019

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Cultura, Resistência e Diferenciação Social

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C968 Cultura, resistência e diferenciação social [recurso eletrônico] /
Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta
Grossa (PR): Atena Editora, 2019.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-203-6

DOI 10.22533/at.ed.036192803

1. Antropologia. 2. Identidade cultural. 3. Resistência cultural.
I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza.

CDD 306

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Cultura, Resistência e Diferenciação Social

Freud, em *O mal-estar da civilização*, obra renomada e publicada em inúmeras edições, defende que a civilização é sinônimo de cultura. Ou seja, não podemos desassociar a funcionalidade cultural em organizar um espaço, determinar discursos e produzirem efeitos.

Por vivermos em tempos em que só o fato de existir já é resistir, seria ingenuidade, tanto de assujeitamento, quanto social, acreditar que a cultura não vem produzindo a resistência, principalmente na diferenciação social. Entre estudiosos, um dos pontos mais questionáveis, entre pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, é sobre o papel do professor como agente cultural, no espaço escolar, mas não podemos legitimar que a escola, bem como o professor, sejam os principais influenciadores. Há, no social, trocas dialógicas, enunciativas e discursivas que configuram e constituem o sujeito em meio sua adequação individual, ou seja, o acultramento perpassa por “muitas mãos”, instituições, sujeitos, ideologias que atuam na formação estrutural.

De acordo com nossas filiações, determinamos culturas, determinamos não culturas, assim como afirma Bourdieu (1989), que responsabiliza essas legitimações aos próprios sujeitos que as vivem. Resistir seria, neste caso, transformar o mundo no qual estamos inseridos.

A escola precisa ser transformada, há muito tempo ela serve à legitimação da cultura dominante. É de fundamental relevância que a escola esteja cada vez mais próxima daqueles que são, de certa forma, o coração que a faz pulsar, da comunidade escolar que, ao garantir sua identidade cultural, cada vez mais se fortalece no exercício da cidadania democrática, promovendo a transformação da escola em uma escola mais humanizada e menos reprodutora, uma escola que garanta, valorize e proteja a sua autonomia, diálogo e participação coletiva. Assim, dentro dessa coletânea, buscou-se a contribuição do conceito de mediação como um possível conceito de diálogo para com as problemáticas anteriormente explicitadas.

O termo ensino e aprendizagem em que o conceito de mediação em Vigotsky (2009) dá início à discussão a uma discussão sobre mediação, que considera o meio cultural às relações entre os indivíduos como percurso do desenvolvimento humano, onde a reelaboração e reestruturação dos signos são transmitidos ao indivíduo pelo grupo cultural. As reflexões realizadas, a partir dos artigos propostos na coletânea, nos mostram que a validação do ensino da arte, dentro das escolas públicas, deve se fundamentar na busca incessante da provocação dos sentidos, na ampliação da visão de mundo e no desenvolvimento do senso crítico de percepção e de pertencimento a determinada história, que é legitimada culturalmente em um tempo/espaço.

A escola precisa fazer transparecer a possibilidade de relações sociais, despertar e por assim vir a intervir nestes processos. Se deve analisar de maneira mais crítica aquilo que é oferecido como repertório e vivência artística e cultural para os alunos, bem como se questionar como se media estas experiências, ampliar as relações com a arte e a cultura, ao contrapor-se ao exercício de associação exercido muitas vezes pela escola nas práticas de alienação dos sujeitos diante de sua realidade.

Todos, no espaço escolar, atuando de maneira mais contributiva como lugar propício para ressignificação, mediação, produção cultural e diálogos culturais, que articulados junto a uma política cultural democrática podem vir a construir novos discursos que ultrapassam os muros que restringem a escola a este espaço de dominação, legitimado pelo atual sistema. A escola, dentro desta perspectiva, passa a ser concebida como um espaço de dupla dimensão. Dentro desta concepção, os processos de mediação potencializam a práxis de um pensamento artístico e cultural. É, atuando atrelado ao cotidiano, em uma perspectiva de mediação, que parte destes pressupostos apresentados que a escola passa a adquirir um carácter de identidade, resistente à homogeneização cultural. A escola pode causar novas impressões, pode abrir seu espaço para novos diálogos e conversações.

É preciso, no entanto, despertar esta relação, desacomodar-se do que é imposto. Muitos são os fatores que teimam em desmotivar, no entanto, está longe desta ser a 90 solução para um sistema educacional que precisa de maneira urgente ser repensado. Ao acompanhar a ação nestas escolas, foi impressionante observar como a movimentação contagiava todos, até mesmo aos que observavam a movimentação e curiosos passavam pelo espaço, alunos de outras turmas apareciam para ajudar e tudo era visto com grande expectativa. Os alunos que participaram do processo aparentavam estar realmente coletivamente envolvidos, e isso pode ser observado nos depoimentos. O movimento observado na montagem, na realização da exposição e na ação educativa foi surpreendente e demonstra que a escola carrega realmente consigo algo muito precioso, que é pouco valorizado, o cotidiano real, o qual não está incluso em documentos, a parte viva da escola.

A presente ação demonstrou que a escola pode tomar rumos diferentes dos quais ela é designada pelo sistema. Aponta que um destes caminhos é apostar nos processos de mediação cultural que partam do cotidiano dos sujeitos que constituem este espaço. Assim, os processos de mediação cultural atrelados ao conceito de cotidiano não documentado atuam como exercício de partilha do sensível e colaboram na formação da práxis de um pensamento artístico e cultural. Esta concepção aqui analisada remete à tomada de uma nova postura frente ao ensino da arte e a concepção de espaço escolar assinala à construção de narrativas que possam contribuir para a construção de uma escola menos determinista e mais humanitária. Ao se realizar uma ação como esta proposta, o espaço escolar permite uma participação ativa e democrática entre seus autores, possibilitando a troca de vivências e experiências na comunidade escolar, promovendo um diálogo que potencializa a produção cultural dos alunos. A mediação dos trabalhos pelos alunos foi, segundo os depoimentos, algo muito rica e satisfatória para eles, os quais se mostraram maravilhados ao poderem partilhar de suas criações e apresentá-las à comunidade escolar.

Na ação educativa os alunos mediam o processo criativo e estes momentos de mediação, em absoluto, se configuraram como exercícios de partilha da sensível, que carregados de significados possibilitam a troca e o contato com o outro. Diante do que aqui se faz exposto, nada se tem a concluir como algo pronto e acabado, assim o que se faz é concluir uma etapa, que se transformará em múltiplas possibilidades de

novos fazeres, desta teia de retalhos cabe, por agora, apreciar a parte que foi tecida e refletir, para sem muito tardar, sair em busca de outros retalhos que possa quiçá, um dia, tornar-se uma trama densa da práxis educativa e artística.

No artigo *A comunidade dos Arturos: existir, resistir, sobrevir*, as autoras, Elenice Martins Barros Castro e Edilene Dias Matos buscam difundir-las, através de festas, ritos e outras manifestações. Nos momentos festivos, sua história é contada por cantos, danças, ritmos dos tambores e dos rituais, que transmitem um legado secular. No artigo **A IMPLANTAÇÃO DO CENTRO DE LANÇAMENTO EM ALCÂNTARA E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIOCULTURAIS OCASIONADA A COMUNIDADE DE MARUDÁ**, a autora Francisca Thamires Lima de Sousa, busca identificar e analisar as principais implicações socioculturais ocasionadas aos quilombolas que residem na agrovila de Marudá desde a implantação do Centro de Lançamento e as principais transformações espaciais. No artigo **ANTI-COLONIZAR OS AFETOS DA BRANQUITUDE NO FEMINISMO BRASILEIRO**, a autora ÉLIDA LIMA pretende instigar brevemente a crítica de algumas formas pelas quais efeitos teóricos e afetos cotidianos da branquitude têm suscitado enfrentamentos e transformações no movimento de mulheres brasileiras nos últimos anos, em especial na experiência feminista interseccional. No artigo **AS IMPRESSÕES DOS ÍNDIOS XOKÓ E A POSIÇÃO DOS JURISTAS SOBRE A PEC 215 E A TESE DO MARCO TEMPORAL**, os autores Liliane da Silva Santos e Diogo Francisco Cruz Monteiro examinam documentos sobre os direitos garantidos aos índios na Constituição de 1988 e averiguar as posições dos juristas sobre a PEC 215 e a tese do marco temporal. Realizamos revisão de literatura, análises de legislações indigenistas, das decisões tomadas pelo Supremo Tribunal Federal (STF) sobre as demarcações de terras indígenas. No artigo **BELÉM COMO METRÓPOLE CULTURAL E CRIATIVA DA AMAZÔNIA**: contribuições para a elaboração do Plano Municipal de Cultura de Belém, o autor Valcir Bispo Santos busca apresentar alguns elementos que possam contribuir para a elaboração do Plano Municipal de Cultura de Belém, maior cidade da Amazônia Oriental brasileira. A ideia básica é que a elaboração deste plano pode se sustentar em três (3) diretrizes fundamentais: Participação Social, Criatividade e Diversidade Cultural. No artigo **CORPO PRIVADO CORPO POLITICOS**, os autores Aurionelia Reis Baldez Joice de Oliveira Faria identificar como vem sendo pensada a salvaguarda das culturas populares através do corpo que dança, apontando limiares entre espetacularização nas rodas da cultura e a realidade vivida nas estruturas de poder capitalista. Guiaremos nossa cartografia poética tendo o samba de roda como principal fonte de observação para pensar corpos privados e corpos políticos. A partir das reflexões feitas por Stuart Hall (2013). No artigo **CULTURA E SUAS PERFORMANCES NA ANTROPOLOGIA, SEMIÓTICA DA CULTURA E ESTUDOS CULTURAIS**, os autores, Juliano Batista dos Santos, Jordan Antonio de Souza, José Serafim Bertoloto buscam realizar uma análise teórico-reflexiva sobre a forma como a Antropologia, a Semiótica da Cultura e os Estudos Culturais abordam, estudam e interpretam a cultura. O propósito, todavia, não está reduzido ao entendimento da identidade de cada uma dessas ciências. **DO ATO FÓBICO AO ATO MÁGICO PÓS-POLÍTICO: O NOVO MERCADO DISCURSIVO DO MINISTÉRIO DA CULTURA** os

autores João Luiz Pereira Domingues, Leandro de Paula Santos, Mariana de Oliveira Silva buscam diagnosticar variações narrativas que forjam novos parâmetros de legitimidade para o tratamento da cultura em nível federal em um processo que se organiza sob dois atos discursivos, nomeados ato fóbico e ato mágico pós-político. No artigo **DO EXCESSO DE IMAGENS AO ESVAZIAMENTO DA MENTE**, a autora Sophia Mídián Bagues dos Santos busca aproximar a teoria semiótica de Peirce da filosofia budista tibetana, partindo da compreensão da contemporaneidade como um fabuloso sistema de signos que nos aprisiona ao Samsara, conceito oriental que pode ser entendido, em última instância, como a civilização da imagem. No artigo **MODERNIDADE, DESENVOLVIMENTO E CULTURA VIVA COMO NOVA CONCEPÇÃO DE CULTURA POPULAR**, o autor Miguel Bonumá Brunet analisa três concepções sobre o conceito de cultura popular, visando a compreendê-las sob a perspectiva da sociologia compreensiva, buscando delinear tipos-ideais balizados nos sentidos intentados pelos atores sociais que praticam ações de produção, difusão e fruição cultural. No artigo **O CÔMICO, O JOCOSO E O DÚBIO NAS CANTORIAS DO PALHAÇO** a autora ALDA FÁTIMA DE SOUZA trata da associação dos diversos e atuais estudos sobre a emissão vocal, que nos permite direcionar nossa voz para a fala ou o canto, com a pesquisa de doutorado em andamento “Reprises Circenses: as bases fundantes e históricas evidentes nos circos brasileiros”. No artigo **O PENSAMENTO NÔMADE DO CINEMA MARGINAL BRASILEIRO**, os autores Amanda Souza Ávila Lobo Auterives Maciel Jr. Milene de Cássia Silveira Gusmão buscam pontuar como o cinema marginal traz um pensamento nômade de máquina de guerra, na medida em que se utiliza de signos que fogem ou que fazem fugir o império dos modelos maiores, entrando em relação com outros domínios moleculares de sensibilidade que transgridem ou propõem transvalorar os valores. No artigo **TRABALHANDO O PATRIMÔNIO CULTURAL RELIGIOSO EM AULAS DE HISTÓRIA: SANTUÁRIO NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO**, os autores Liana Barcelos Porto e Adival José Reinert Junior buscam compreender como o patrimônio cultural e religioso vem sendo trabalhado nas escolas da sede da rede municipal da Cidade de Canguçu RS (Canguçu tem 33 escolas municipais, 6 localizadas na cidade e 27 no interior do município). **TRILHA DA VIDA COMO EXPERIÊNCIA SENSÍVEL E CULTURAL**, os autores Allan Hoffmann, Nadja de Carvalho Lamas, Euler Renato Westphal buscam discutir sobre o campo do Patrimônio, principalmente nas categorias de patrimônio cultural, aplicados em um experimento educacional e instalação de Arte&Ciência Trilha da Vida presente na paisagem cultural do bairro da Limeira em Camboriú/SC. No artigo **ÉTICA DO ENCONTRO A PARTIR DA PESQUISA AUDIOVISUAL: REFLEXÕES SOBRE O CURTA “FILOSOFIAS DO CORPO NO CARIRI”**, a autora Natacha Muriel López Gallucci, busca discutir e teorizar aspectos éticos da investigação audiovisual na fronteira entre o filme documentário e o denominado “ensaio fílmico” tomando como objeto de reflexão o processo de pesquisa empírica, registro imagético, edição e exibição do curta-metragem Filosofias do corpo no Cariri cearense (2018). No artigo **Cultura, Resistencia e Diferenciação Social**, os autores, Solange Aparecida de Souza Monteiro, Heitor Messias Reimão de Melo, Paulo Rennes Marçal Ribeiro,

buscam analisar na obra Freud, em O mal-estar da civilização, obra renomada e publicada em inúmeras edições, defende que a civilização é sinônimo de cultura. Ou seja, não podemos desassociar a funcionalidade cultural em organizar um espaço, determinar discursos e produzirem efeitos.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A COMUNIDADE DOS ARTUROS: EXISTIR, RESISTIR, SOBREVIVIR	
<i>Elenice Martins Barros Castro</i>	
<i>Edilene Dias Matos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928031	
CAPÍTULO 2	12
A IMPLANTAÇÃO DO CENTRO DE LANÇAMENTO EM ALCÂNTARA E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIOCULTURAIS OCACIONADA A COMUNIDADE DE MARUDÁ	
<i>Francisca Thamires Lima de Sousa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928032	
CAPÍTULO 3	26
ANTI-COLONIZAR OS AFETOS DA BRANQUITUDE NO FEMINISMO BRASILEIRO	
<i>Élida Lima</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928033	
CAPÍTULO 4	34
AS IMPRESSÕES DOS ÍNDIOS XOKÓ E A POSIÇÃO DOS JURISTAS SOBRE A PEC 215 E A TESE DO MARCO TEMPORAL	
<i>Liliane da Silva Santos</i>	
<i>Diogo Francisco Cruz Monteiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928034	
CAPÍTULO 5	48
BELÉM COMO METRÓPOLE CULTURAL E CRIATIVA DA AMAZÔNIA: CONTRIBUIÇÕES PARA A ELABORAÇÃO DO PLANO MUNICIPAL DE CULTURA DE BELÉM	
<i>Valcir Bispo Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928035	
CAPÍTULO 6	66
CORPO PRIVADO CORPO POLITICOS	
<i>Aurionelia Reis Baldez</i>	
<i>Joice de Oliveira Faria</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928036	
CAPÍTULO 7	75
CULTURA E SUAS PERFORMANCES NA ANTROPOLOGIA, SEMIÓTICA DA CULTURA E ESTUDOS CULTURAIS	
<i>Juliano Batista dos Santos</i>	
<i>Jordan Antonio de Souza</i>	
<i>José Serafim Bertoloto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928037	

CAPÍTULO 8	91
DO ATO FÓBICO AO ATO MÁGICO PÓS-POLÍTICO: O NOVO MERCADO DISCURSIVO DO MINISTÉRIO DA CULTURA	
<i>João Luiz Pereira Domingues</i> <i>Leandro de Paula Santos</i> <i>Mariana de Oliveira Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928038	
CAPÍTULO 9	106
DO EXCESSO DE IMAGENS AO Esvaziamento da Mente	
<i>Sophia Mídan Bagues dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928039	
CAPÍTULO 10	115
MODERNIDADE, DESENVOLVIMENTO E CULTURA VIVA COMO NOVA CONCEPÇÃO DE CULTURA POPULAR	
<i>Miguel Bonumá Brunet</i>	
DOI 10.22533/at.ed.03619280310	
CAPÍTULO 11	130
O CÔMICO, O JOCOSO E O DÚBIO NAS CANTORIAS DO PALHAÇO	
<i>Alda Fátima de Souza</i>	
DOI 10.22533/at.ed.03619280311	
CAPÍTULO 12	138
O PENSAMENTO NÔMADE DO CINEMA MARGINAL BRASILEIRO	
<i>Amanda Souza Ávila Lobo</i> <i>Auterives Maciel Jr</i> <i>Milene de Cássia Silveira Gusmão</i>	
DOI 10.22533/at.ed.03619280312	
CAPÍTULO 13	148
TRABALHANDO O PATRIMÔNIO CULTURAL RELIGIOSO EM AULAS DE HISTÓRIA: SANTUÁRIO NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO	
<i>Liana Barcelos Porto</i> <i>Adival José Reinert Junior</i>	
DOI 10.22533/at.ed.03619280313	
CAPÍTULO 14	155
TRILHA DA VIDA COMO EXPERIÊNCIA SENSÍVEL E CULTURAL	
<i>Allan Hoffmann</i> <i>Nadja de Carvalho Lamas</i> <i>Euler Renato Westphal</i>	
DOI 10.22533/at.ed.03619280314	
CAPÍTULO 15	166
ÉTICA DO ENCONTRO A PARTIR DA PESQUISA AUDIOVISUAL: REFLEXÕES SOBRE O CURTA “FILOSOFIAS DO CORPO NO CARIRI”	
<i>Natacha Muriel López Gallucci</i>	
DOI 10.22533/at.ed.03619280315	

CAPÍTULO 16 183

UMA PROPOSTA DE LEITURA DISCURSIVA: RESISTÊNCIA E DIFERENCIAÇÃO SOCIAL

Solange Aparecida de Souza Monteiro

Heitor Messias Reimão de Melo

Paulo Rennes Marçal Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.03619280316

SOBRE A ORGANIZADORA..... 194

TRILHA DA VIDA COMO EXPERIÊNCIA SENSÍVEL E CULTURAL

Allan Hoffmann

Mestrando em Patrimônio Cultural e Sociedade pela Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), bolsista CAPES.
Joinville - SC

Nadja de Carvalho Lamas

Mestre e doutora em Artes Visuais pela UFRGS. Professora e pesquisadora na UNIVILLE.
Joinville - SC

Euler Renato Westphal

Doutor em Teologia pelas Faculdades EST-São Leopoldo-RS. Professor e pesquisador da UNIVILLE.
Joinville - SC

RESUMO: O artigo apresenta discussões sobre o campo do Patrimônio, principalmente nas categorias de patrimônio cultural, aplicados em um experimento educacional e instalação de Arte&Ciência *Trilha da Vida* presente na paisagem cultural do bairro da Limeira em Camboriú/SC. Assume-se que ao experienciar a metodologia, compreendendo em um de seus momentos uma caminhada às cegas em meio a Mata Atlântica, os participantes habitam a paisagem cultural do bairro a partir dos pressupostos discutidos por Besse (2009). Para a experiência cultural no bairro da Limeira, é preciso acessar um plano de subjetividade e sensibilidade pelos participantes que

experienciam a *Trilha da Vida*. A experiência de cada participante é narrada na roda de diálogo, que se efetiva em um compartilhamento sensível de experiências e de memórias, que segundo Ingold (2012) tece uma malha (meshworks) colocando em questão a relação de espaço/tempo, na qual contribui para um fluxo de memórias. Assim, evidenciam-se os valores patrimoniais nos movimentos dentro da *Trilha da Vida*, onde dimensões subjetivas e imateriais são continuamente acessadas pelos participantes, revelando questões sobre Identidade, Memória e Histórias de Vida.

PALAVRAS-CHAVE: Trilha da Vida, paisagem cultural, experiência, patrimônio.

ABSTRACT: This article presents discussions on the Heritage field, mainly in the categories of cultural heritage, applied in an educational experiment and installation of Art&Science *Trail of Life* placed in the cultural landscape of the district of Limeira in Camboriú/SC. It is assumed that when experiencing the methodology, that's comprehends in one of its moments a blind walk in the middle of the Atlantic Forest, the participants inhabit the cultural landscape of the neighborhood by the assumptions discussed by Besse (2009). For the cultural experience in the neighborhood of Limeira, it is necessary to access a plan of subjectivity and sensitivity by the participants who experience the *Trail of*

Life. The experience of each participant is narrated in the Dialogue Circle, resulting in a sensitive sharing of experiences and memories, which according to Ingold (2012) weaves a meshworks questioning the relation of space/time, contributing for a flow of memories. Thus, heritage values are evident in the movements within the *Trail of Life*, where subjective and immaterial dimensions are continuously accessed by the participants, revealing questions about Identity, Memory and Life Stories.

KEYWORDS: *Trail of Life*, cultural landscape, experience, heritage.

1 | INTRODUÇÃO

Este trabalho é uma extensão e adaptação do mesmo, apresentado no XIV “Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura” (ENECULT) no Grupo de Trabalho “Patrimônios Culturais e Memórias” em agosto de 2018, disponível nos anais do evento. O campo do Patrimônio é bastante fragmentado em suas categorias de conhecimento para proteção, preservação e patrimonialização, a exemplo do entendimento de patrimônios materiais/imateriais ou tangíveis/intangíveis. O que sustenta a separação entre as definições materiais e imateriais do patrimônio, conforme Menezes (2012) retrata, é basicamente sua operacionalização nas políticas de proteção, pois já é entendido que todo patrimônio material tem dimensões imateriais, e vice-versa. Além disso, com a chegada de outros conceitos algumas dessas fronteiras de compreensão sofrem rupturas, o que contribui para o olhar ampliado sobre o patrimônio. Uma dessas contribuições para a ressignificação das categorias do campo patrimonial é o conceito de Paisagem Cultural.

A noção e o conceito de paisagem mudou desde a origem de seu uso. Segundo Alves (2001), o conceito foi usado e apropriado por quase dois séculos (1490-1690) no campo das artes para representar uma região, designar a linguagem artística, ou um produto da arte.

O valor estético presente neste conceito tencionou em muito o entendimento de paisagem ainda no século XX. O principal valor para que um território ou região fosse considerada paisagem era o da beleza, essa com influência advinda do pensamento grego. Junto a este valor, ambientes que eram considerados misteriosos, e que continham alguma periculosidade como florestas, desertos, mares e montanhas, comumente eram associados à esta concepção de paisagem (ALVES, 2001). Muitas dessas percepções e concepções de paisagem se assemelham com as percepções de natureza retratadas por Roncaglio (2009), concepções paradisíacas da natureza, sendo essa abundante e exuberante, de grande beleza cênica, e por vezes, desconhecida e passível de medo.

As percepções de natureza e noções de paisagem foram muito semelhantes ao longo do tempo, e são por vezes ainda confundidas, mesmo que se diferem conceitualmente. De acordo com Delphin (2009) o conceito de paisagem é sintético,

sendo esse o resultado do somatório de diferentes fatores e elementos que se inter-relacionam, revelando, mesmo que mínima, a interferência do homem no ambiente como as marcas deixadas por povos pré-históricos, as formas atuais de relevo, e a fauna e flora.

Para definir paisagem cultural, a partir do conceito de paisagem, é necessário compreender o significado que se adota de patrimônio cultural, no qual está imbuído o conceito de paisagem cultural. Segundo as definições apresentadas pelo IPHAN na Portaria nº 127, de 30 de abril de 2009, a paisagem cultural é conceituada a partir da fundamentação da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, sobre patrimônio cultural:

[...] o patrimônio cultural é formado por bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem as formas de expressão, os modos de criar, fazer e viver, as criações científicas, artísticas e tecnológicas, as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais, os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 2009, p.1).

Ao somar esta definição com o conceito de paisagem, o homem acaba tomando a primazia do papel nas relações e nos valores presentes em uma paisagem cultural (DELPHIN, 2009), se afastando com as concepções de paisagem, daquelas de grande beleza cênica isoladas da relação humana. Esses valores não estão mais localizados em pequenas dimensões, como um bem imóvel, nos saberes de um grupo específico, ou de um sítio arqueológico, mas sim, todo um contexto espacial e temporal é compreendido e com isso, amplia-se o olhar para o todo, e une em um mesmo espaço, os patrimônios materiais/imateriais.

Nestes termos, entende-se o bairro da Limeira em Camboriú/SC como paisagem cultural, pois revela dimensões de pertencimento a partir das relações que os moradores estabelecem com o ambiente, preservando a identidade com e do lugar por objetos e práticas, mantendo em sua integridade as memórias materiais e imateriais, como evidenciado no livro “Além da Linha da Limeira” escrito pelo morador do município João Calixto Faqueti. O livro conta a história de mais de século da constituição do bairro a partir da colonização italiana, e os principais momentos da história do bairro a partir de narrativas de moradores da região, com o objetivo de perpetuar a memória do local e fomentar a sua história para o entendimento dos hábitos e culturas dos moradores (FAQUETI, 2018).

Dentro deste bairro está situado o Espaço Rural Clarear, um espaço educativo mantido e preservado pela família Gervásio e Bauer desde 1983. O Espaço atende grupos de desenvolvimento humano, cursos socioambientais, e pessoas que queiram passar um fim de semana na zona rural. A família Gervásio e Bauer preservam a memória da constituição do bairro através de artefatos que contam do antigo cotidiano

dos moradores da região. Uma dessas relíquias é uma estrutura da fachada da igreja do bairro, da qual foi removida após uma reforma. Esses objetos podem ser considerados como “sociotransmissores”, de acordo com Candau (2009), pois preservam na materialidade as memórias da comunidade, construídas por relações a partir de suas práticas cotidianas no bairro. Os objetos sociotransmissores estão dentro da antiga casa da família Gervásio e Bauer sustentada por pedras irregulares por mais de 100 anos, que foi construída por madeiras encaixadas, arquitetura derivada da cultura italiana, e hoje pode ser considerada um “Ecomuseu” da comunidade Santa Clara/ Limeira (Camboriú- SC), ou mesmo “um museu vivo na comunidade local” (MATAREZI, 2017, p. 347).



Figura 1- A direita, casa histórica da família Gervásio e Bauer; a esq., a sustentação da casa por pedras irregulares.

Fonte: Acervo digital particular do Banco de Dados da Trilha da Vida.

A família é integrante da Associação Comunitária da Limeira (ACL), que atua em projetos e ações de preservação de áreas florestadas e das nascentes na região. A ACL também tem diversas iniciativas frente a preservação de valores culturais locais, como festa e ritos em datas festivas derivados principalmente da cultura italiana, portanto englobam as dimensões socioeconômicas, ambientais e educativas.

Situado no Espaço Rural Clarear desde 2011, a *Trilha da Vida* é uma instalação fixa de Arte&Ciência criada em 1999 pelo artista-educador-ambiental José Matarezi, atende grupos (em sua maioria estudantes de cursos de graduação, principalmente de Santa Catarina) com média de 30 pessoas a partir de objetivos diversos, com atividades que duram cerca de 8 horas. A *Trilha da Vida* é um experimento educacional enraizado na abordagem teórica metodológica “Trilha da Vida: (Re)Descobrimo a Natureza com os Sentidos” do Laboratório de Educação Ambiental (LEA) da Universidade do Vale de Itajaí (UNIVALI), e fundamentado no campo da Educação Patrimonial e da Educação Ambiental crítica, emancipatória, transformadora e popular. A abordagem teórica metodológica estrutura três experimentos educacionais: a instalação fixa *Trilha da Vida* (situada no Espaço Rural Clarear) a Vida Secreta dos Objetos (ViSO) adaptada para qualquer ambiente, e Caminhos de Encontros e Descobertas (CED).

A *Trilha da Vida* tem como objetivo propiciar reflexões sobre os diversos contextos sociais, culturais além de um resgate histórico das relações do homem com a natureza (MATAREZI; KOEHNTOPP 2017). De modo abrangente e objetivo, este experimento educacional é composto pelas seguintes etapas: recepção dos participantes chegam ao Espaço Rural Clarear pelos proprietários; apresentação ao grupo a antiga casa da família Bauer e artefatos de recordação; realização de uma caminhada em silêncio até a trilha; realização de dinâmicas corporais mediadas pela equipe *Trilha da Vida*; esclarecimento e orientações sobre a trilha, e por fim os participantes são vendados e iniciam o percurso às cegas (Figura 2). Na saída da trilha, os participantes realizam uma caminhada individual e quando encerram, são recepcionados com um abraço. Depois, são orientados a expressarem através de mapas mentais as suas experiências, e após uma refeição, são convidados a se reunirem em uma Roda de Diálogo, um espaço de fala-e-escuta conjunta, a fim de compartilharem os mapas mentais e as experiências.



Figura 2- Momento anterior a caminhada às cegas na *Trilha da Vida*.

Fonte: Acervo digital particular do Banco de Dados da Trilha da Vida.

2 | PAISAGEM E MEMÓRIA NA *TRILHA DA VIDA*

A *Trilha da Vida* além de se situar nas extensões do bairro da Limeira e por realizar vivências no Espaço Rural Clarear, possibilita que os participantes adentrem no contexto cultural local justamente por conceber em sua metodologia, meios de imersão na paisagem, como a visita e apresentação da casa antiga de madeira própria da família, e conversas com os proprietários sobre a história do lugar, permitindo um mergulho no espaço e no tempo desta paisagem cultural. Uma outra forma de imersão é pela experiência às cegas na trilha, onde sua montagem é realizada pelos cuidados dos monitores e educadores ambientais colaboradores do LEA, em

colocar elementos que façam parte do contexto em que a metodologia está situada (MATAREZI, 2017). Outra estreita aproximação com a paisagem, acontece anterior a vivência na instalação, na caminhada intencionada sob exercício constante de escuta-ativa, no que se traduz em um sentimento de se habitar em movimento e participar do movimento da paisagem, sendo o ato de caminhar o constituinte fundamental da experiência da paisagem (BESSE, 2009).

Estas formas de imersão estão ligadas a condição de habitar a paisagem, para além do sentido *stricto* da palavra habitar, que significa residir, morar e ocupar uma residência ou um local. Entre poéticas traçadas pela *Trilha da Vida*, e pelas formas de se habitar espaços e tempos, utiliza-se os pressupostos de Besse (2013) para estabelecer relações com a paisagem cultural. Primeiramente, como descrito por Besse (2013) a relação de intimidade e liberdade devem estar presentes em um espaço que seja primordialmente aberto, e com isso revele também a interioridade desta paisagem. O segundo ponto é que esse interior traga o testemunho da vida, na qual a imaterialidade se faz constante nesse lugar, e que, simultaneamente, marca e é marcada por ele. O terceiro e último pressuposto é dado em relação ao tempo, que seja ditado pelo ritmo em que os acontecimentos se sucedem, e que exista uma certa orientação temporal, um hábito a se seguir mesmo que nem sempre o ocorra, ou seja, estar “numa forma de tempo e dar uma forma do tempo” (BESSE, 2013, p. 39).

A fim de refletir a possibilidade da vivência na *Trilha da Vida*, ser uma forma de habitar a paisagem cultural de Limeira, são relacionados os três pressupostos discutidos acima e sua aplicação na metodologia, com ciência de que serão apresentados em três diferentes momentos, que não seguem uma linha cronológica metodológica, e que, a sua aplicação não se resume apenas nos mesmos.

A *Trilha da Vida* não ocorre apenas na instalação, mas em todo o Espaço Rural Clarear, um espaço aberto que permite uma experimentação próxima com a natureza e com suas acomodações, ou seja, liberdade e intimidade (1º pressuposto). O primeiro movimento na metodologia acontece na casa histórica da família, onde é realizada uma apresentação das dimensões materiais e imateriais da memória e identidade regional histórica da família e da constituição do bairro (2º pressuposto). Matarezi (2017a) explica que em toda vivência na *Trilha da Vida* existe um ritmo, ou mesmo um Fluxo a se cumprir, pois cada Movimento é sucedido por outro, e com isso ao longo do tempo, adquire-se um hábito dos mediadores e educadores ambientais na metodologia, dos participantes na vivência – mesmo que seja feita por diferentes pessoas, existe um hábito vivencial na ação/resposta às atividades –, e da equipe do Espaço Rural Clarear na preparação do ambiente e das refeições para os grupos (3º pressuposto). Este último pressuposto também é válido para os Movimentos Prévios da Vivência, como o agendamento do grupo a montagem da instalação, quanto aos Movimentos após a Vivência, como a desmontagem da instalação (MATAREZI, 2017). As refeições são feitas com produtos da própria comunidade, como a farinha e hortaliças, incentivando a produção alimentar local, e proporcionando ainda mais a interação com a cultura

gastronômica daquela paisagem.

A metodologia pode, então, ser considerada um meio de habitação poética naquela paisagem cultural, mesmo que esse termo demande longínquos tempos na relação com o espaço, a experiência permite pela intensidade uma aproximação constante e estreita com a comunidade, a família, e a natureza local. Para Besse (2013, p. 39) em um local habitado há sentidos: um local habitado é um local que tem significados, que traduz intenções, um local no qual, também há ritmos”, e esses, são continuamente tateados e experimentados durante a *Trilha da Vida*, permitindo diferentes intensidades na experiência da paisagem na relação com a cultura/natureza.

Só é possível obter a experiência da paisagem quando assumimos – ou percebemos – uma certa porosidade em nossos corpos. Quando há disponibilidade e exposição corporal, percebe-se “os elementos sensíveis do mundo” (BESSE, 2009, p. 46), e conseqüentemente, a paisagem acaba sendo experienciada e vivida dentro deste “plano de sensibilidade corporal” (BESSE, 2009, p. 46). Aproximando-se da fenomenologia merleau-pontyana, o corpo sensível assume o papel principal de fornecer a possibilidade da experiência da paisagem, e, portanto, habita-la. Desta forma, concorda-se com Besse (2009):

É o corpo vivo que é o corpo sensível das experiências paisagísticas polisensoriais, que é o centro dos afectos, o centro e o receptáculo das espacialidades afectivas. A noção de habitação, nesta perspectiva, adquire uma carga ontológica e fenomenológica totalmente decisiva: é pelo nosso corpo que habitamos o mundo. (BESSE, 2009, p. 47)

É habitando o mundo por este corpo fenomenal que os participantes são provocados para uma compreensão da totalidade, ainda mais aliada a dimensão estética, onde campo de sensibilidade é acessado. Maffesoli (1998) e Duarte Jr. (2000) apresentam críticas ao crescente processo de abstração e excessiva racionalização na ciência e na educação, nos direcionando a uma educação estética, plena de uma razão sensível, e estética frente ao corpo e aos sentidos.

A partir de uma experiência do “corpo próprio” (MERLEAU-PONTY, 1974), sendo essa fundamental em qualquer proposta educacional, prioriza-se a importância dos ritmos de percepção e aprendizagem dos sujeitos que experienciam. Segundo Bondía (2002), a experiência só acontece quando existe uma abertura e disponibilidade do sujeito, além de um bom tempo para se desdobrar na ação sobre o objeto, na exploração dos sentidos e para desfrutar das conseqüências das relações estabelecidas, sendo afetado por aquilo que acontece.

Neste território de habitação, o participante é convidado a “entrelaçar o gesto como um traçado e ver o tempo como ‘matéria viva’ no seio da qual algo se transforma e se desenvolve” (BESSE, 2009, p. 41). Assim, dentro da instalação, os gestos são realizados subjetivamente dentro da paisagem, a partir de provocações do ambiente da trilha, e das miniaturas, conceito proposto por Peralta (2002) que tem como

significado os “objetos ou conjunto de elementos que formam uma ideia-chave a ser vivenciada, simulada ou desenvolvida pelo grupo” (p. 122). Estes objetos, como já descritos, são pertinentes ao contexto cultural local e com especificidades da “linha do tempo” histórica que narra as relações do homem com a natureza, da qual a *Trilha da Vida* se baseia.

Porém, em aproximação com a epistemologia ecológica e a uma antropologia dos objetos que Ingold (2012) nos apresenta, a definição de objeto fornece um olhar para a finalidade das coisas, das relações visíveis e unidirecionais, dos agenciamentos preestabelecidos, e de suas apropriações culturais. As coisas não se restringem estritamente as dimensões limites de suas superfícies, separando-as do meio volátil que as cercam, mas são porosas e se relacionam interna e externamente com esse meio (INGOLD, 2012). As “coisas” na perspectiva de Ingold, não se restringem a categorias materiais ou imateriais, mas pelo jogo que se estabelece entre essas dimensões, e se aplicarmos estas definições no campo patrimonial, tenciona ainda mais as dicotomias assumidas pelas políticas patrimoniais.

Se primeiro reconhecermos a coisa pela sua função, a reduziríamos como objeto, e estaríamos tirando sua possibilidade de ser coisa, pois essas são ligadas a um princípio que a anima internamente, que dá sua vida (INGOLD, 2012). Então para a “coisa” não há criação de movimentos em sua relação, pois assim, se limitaria as convenções de gestos já conhecidos acerca do objeto, quando se trata de seguir seus fluxos enquanto coisa (INGOLD, 2012). Quando seguimos os fluxos compreendemos a vida e toda sua efervescência de processos, neste ponto, a venda colocada em quem vivencia a instalação parece possibilitar este tipo de compreensão. Durante a aproximação com alguma miniatura não se reduz a “coisa” em objeto (justamente pela limitação da visão) e com isso, não se busca todo um arcabouço gestual que se desenvolve com o objeto. Assim, todas possibilidades criativas de animar a coisa são sentidas pela coisa e pelo participante - entrando em seu fluxo material (INGOLD, 2012).

Ao fim da trilha, os participantes são convidados à compartilharem suas experiências em uma Roda de Diálogo, conforme Matarezi (2017) relata:

Etapa convite para o compartilhar de experiências, percepções, sentimentos, descobertas, interpretações, conhecimentos, saberes... Momento para falar e ser ouvido, contar para os outros e ouvir os outros, oportunizando o diálogo qualificado e a possibilidade de se compreender como cada um percebe, interpreta, representa e simboliza suas vivências individuais e seus conhecimentos. (MATAREZI, 2017, p. 283)

Neste momento de diálogo que as dimensões subjetivas se revelam, como “autopercepção, sensibilidades, intuição, sentimentos, emoção, imaginação, razão, atividade, ação, memória, identidade, alteridade, pertencimento” (MATAREZI; KOEHNTOPP, 2017, p. 76). A dimensão da memória é comumente retratada,

principalmente nos momentos em que essas são deflagradas, a partir das experiências vividas em toda a abordagem teórica metodológica. De acordo com Lopes (2010), o corpo do performer é um espaço de memórias, um lugar de trânsito de ideias e sentimentos, onde as lembranças são constantemente tateadas, interpretadas e reinventadas. Assim, as memórias autobiográficas, aparecem “como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora” (BOSI, 2003, p. 36). Essas memórias se revelam das mais diversas formas como olfativas, “o cheiro de algo me remete à infância”; gustativas, “o gosto da laranja me lembra a casa de minha avó”; cenestésicas, “esta sensação de prazer é a mesma quando corria na rua”; cinestésicas, “este movimento é o mesmo que faço quando saio do mar”; auditivas, “quando escuto o rio, lembro de minha mãe”; e quando associadas a narrativas de histórias de vida, permeiam fortemente nas questões da Identidade.

Assim, neste espaço de compartilhamento de experiência e memórias, as falas ativam lembranças individuais, um fluxo narrativo coletivo é assumido, onde cada relato em suas lembranças, ativam outros relatos com outras lembranças. Quando em fluxo, Ingold (2012) propõe que tudo se converte a fios, que traçam seus devires, que se emaranham e costuram ao mesmo tempo suas trajetórias. É neste movimento que a malha é tecida, que as memórias se entrelaçam e “a vida das coisas se estendem ao longo de múltiplas linhas que deixam pontas soltas nas periferias” (INGOLD, 2012, p. 17), como a convite de novas lembranças. Ocorre, neste sentido, uma abertura para os processos vitais e interconexões, onde tudo se conecta e está conectado (INGOLD, 2012), e assim, a estrutura formada se assemelha a um rizoma - conceito criado por Deleuze e Guattari (2004) na obra *Mil platôs*.

A partir das reflexões apresentadas por Ingold (2012), é possível compreender que as miniaturas, a instalação, a *Trilha da Vida*, o Espaço Rural Clarear, e a paisagem cultural, compõem e são compostos por este rizoma, que costura seus fios em suas trajetórias e se inter-relacionam a todo tempo, pois os limites são dissolvidos e não se sustentam por si só.

Justamente pelas inter-relações que se estabelecem entre memórias e narrativas, há um desdobramento nas questões de espaço, a partir de sua situação na paisagem local, e tempo, a partir do vivido os sujeitos carregaram essas memórias para além da *Trilha da Vida*, e essas ainda habitam em fluxo na imaterialidade da Roda de Diálogo. Na roda de diálogo, apresenta-se outro valor patrimonial da *Trilha da Vida*, quando os fragmentos narrados das histórias de vida são compartilhados a partir das memórias suscitadas. Mesmo que a Roda de Diálogo se expresse em sua materialidade, ela não se cristaliza no tempo e o seu uso não se torna ultrapassado e repetitivo, já que toda roda de diálogo é sempre diferente uma da outra, justamente devido as singularidades das experiências. De acordo com Bondía (2002), as experiências nunca são as mesmas independente se esta for feita pela mesma pessoa em tempos diferentes.

Compreender a vivência na *Trilha da Vida*, o conceito e os meios de se habitar a

paisagem cultural do bairro da Limeira, acabam nesta abordagem teórica metodológica, por tencionar com os limites estabelecidos dentro das políticas do campo do Patrimônio, principalmente das questões da Materialidade/Imaterialidade. Participar da Roda de Diálogo, espaço esse onde as memórias são entretecidas em malha, nos permite reconhecer a potencialidade do valor patrimonial presente neste movimento no qual a experiência tem relação direta com a existência. A empréstimo das palavras de Bondia, a relação da experiência junto ao “saber que dela deriva [...] nos permite apropriar-nos de nossa própria vida” (BONDIA, 2002, p. 8).

REFERÊNCIAS

ALVES, T. Paisagem – em busca do lugar perdido. **Finisterra**, v. 36, n.72, p. 67-74, 2001.

BESSE, J. M. Estar na paisagem, habitar, caminhar. In: CARDOSO, Isabel Lopes. **Paisagem e patrimônio**. Porto: Dafne/Chaia, 2013, p.33-53.

BONDIA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, 2002 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=en&nrm=iso>.

BOSI, E. **O tempo vivo da Memória**. Ensaio de psicologia Social. 2. ed. São Paulo: Editorial, 2003.

CANDAU, J. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade. In: **Memória em Rede**, Pelotas, v. 1, n. 1, jan./jul. 2009.

DELPHIM, C. F. M. O patrimônio natural no Brasil. In: FUNARI, Pedro Paulo A.; PELEGRINI, Sandra C. A.; RAMBELI, Gilson (Org.). **Patrimônio cultural e ambiental**. São Paulo: Annablume, 2009. p. 167-186.

DUARTE JR., J. F. **O Sentido dos sentidos: A Educação (do) Sensível**. 2000. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal de Campinas, Campinas, 2000.

FAQUETI, J. C. **Além da linha da Limeira: memória dos imigrantes italianos que fundaram comunidade no interior de Camboriú**. Blumenau: Odorizzi, 2018.

INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida: Emaranhados criativos num mundo de materiais. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

LOPES, A. H. Performance e história (ou como a onça, de um salto, foi ao Rio do princípio do século e ainda voltou para contar a história). **Percevejo**, v. 11/12, p. 5-16, 2003.

MAFFESOLI, M. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis: Vozes, 1998.

MATAREZI, J. **“Trilha Da Vida” – Labirintos que se entretecem nos campos da Educação Ambiental e Patrimonial**. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade) – Universidade da Região de Joinville. Joinville, 2017.

MATAREZI, J; KOEHNTOPP, P. I. Conhecimento sensível e inteligível na abordagem metodológica Trilha da Vida. **Confluências Culturais**. Joinville, 2017.

MENESES, U. T B. O campo do Patrimônio Cultural: uma revisão de premissas. In: IPHAN. **I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural**: Sistema Nacional de Patrimônio Cultural: desafios, estratégias e

experiências para uma nova gestão, Ouro Preto/MG, 2009. Brasília: IPHAN, 2012. p. 25-39. (Anais; v.2, t.1).

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1971.

PERALTA, C. H. G. **Experimentos educacionais**: eventos heurísticos transdisciplinares em educação ambiental. In: Aloísio Ruscheinsky. (Org.). Educação ambiental - abordagens múltiplas. 1 ed. Porto Alegre: Artmed, 2002, p. 105-125.

RONCAGLIO, C. A ideia de natureza como patrimônio: um percurso histórico. **Desenvolvimento e meio ambiente**, Curitiba, n.19, p.111-128, 2009.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-203-6



9 788572 472036